

O CAMINHO E A PEDRA

Patrícia Riberto Lopes*

Sob uma perspectiva multicultural, que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais, obras de diferentes espaços e tempos podem ser confrontadas, tornando-se possível uma leitura de textos de diferentes sistemas literários em busca de elementos que permitam mapear aspectos comuns à cultura contemporânea.

Entre os contos “A auto-estrada do sul”, de Julio Cortázar, e “A pedra que não caiu”, de Maria Gabriela Llansol, é possível uma aproximação, já que apresentam as duas faces de uma mesma situação. Em “A auto-estrada do sul” um grupo de pessoas fica preso em um engarrafamento e, sem suprimentos, realiza incursões nas fazendas da região sendo repellido pelos habitantes que, assustados, não o auxiliam. Em “A pedra que não caiu” a situação é diferente; duas mulheres são procuradas em sua casa por um fugitivo e negam-se a colaborar.

Nos dois contos, o encontro do EU com o OUTRO se mostra complexo e conflituoso, pois em ambos se antevê a invasão de um espaço pessoal conquistado previamente.

É interessante observar, ainda no que diz respeito à relação do EU com o OUTRO, que nestes contos se reflete às avessas a situação historicamente vivida entre os países colonizadores e os colonizados há 500 anos, sendo a inversão um elemento que ajuda a construção do sentido.

No conto de Llansol, um texto do sistema literário português, as personagens principais estão em sua casa e são abordadas por um suposto “invasor”, o fugitivo que pede auxílio. Ao se recusarem a ajudá-lo, encerram a possibilidade do contato com o OUTRO, sendo esta a situação menos esperada em uma nação um dia desbravadora de mares, descobridora de terras e colonizadora de povos, uma nação que no passado foi ao encontro do desconhecido, se orgulha e baseia sua identidade nesse feito.

* Mestranda em Letras – Teoria da Literatura - UFJF.
Orientadora: Profª Drª Maria Luiza Scher Pereira.

Neste tempo, encerrou-se a possibilidade de contato mesmo para este povo marcado por feitos passados e, enquanto os antigos navegadores partiam ao novo mundo sem saberem ao certo o que encontrariam e o que fariam, as personagens do conto vivem encarceradas em seus próprios jardins. São personagens pós-modernas e não representam portanto sua nação. Não lhes importa o passado português, sentem amargura pelo que herdaram, a casa, sua pátria.

No conto de Cortázar, pertencente ao sistema literário argentino ainda que o solo escolhido para cenário não seja a própria América colonizada, a situação é inversa. O contato com o OUTRO é impossibilitado não pelas personagens, pois estas buscam os moradores da região no afã de conseguirem suprimentos, mas pelos próprios moradores que os repelem, surgindo inclusive a violência nesta tentativa de relacionamento.

Quanto à questão espacial, em ambos os textos existem fronteiras intransponíveis que mantém o OUTRO distante do território do EU. São barreiras físicas, limites imaginários, portas ou janelas com trancas, muros, cercas de arame farpado, tudo para garantir a manutenção da ordem vigente.

No conto de J. Cortázar algumas barreiras são ultrapassadas, outras não. No começo, cada um permanece em seu próprio carro. Com o passar do tempo e pelo surgimento de necessidades comuns, os motoristas e passageiros começam a se organizar como grupos, formando-se conjuntos e passando-se o limite do pessoal ao grupal.

Mas a fronteira mais rígida encontrada no conto é a que separa a auto-estrada das granjas de seu entorno. Esta mantém-se intransponível. Mesmo tentando negociar os grupos não conseguem nada, estabelecendo-se uma relação violenta entre as partes.

No conto de M. G. Llansol as personagens desejam romper as fronteiras estabelecidas, mas por suas ações só as reafirmam. Há a fronteira da Quinta, as da casa (seu muro e, mais internamente, as portas e janelas da casa). Há também a cerca de arame farpado a que pensavam odiar.

Dentre estas, é a fronteira da casa a mais intransponível. Quando o prisioneiro foge, rompe a cerca de arame farpado, rompe o limite da Quinta, ultrapassa o muro, só não passa pela porta da casa, a qual as personagens guardam.

Essa marcação territorial por fronteiras intransponíveis reflete a relação conflituosa entre o EU e o OUTRO, a impossibilidade de contato e troca de experiências imperante nesse tempo de individualismos.

Nos dois contos estudados, alguns dados apontam para uma reflexão identitária. Júlio Cortázar escolhe para cenário uma auto-estrada francesa, o que sabendo-o argentino dá ao conto um caráter internacional.

Maria Gabriela Llansol, por sua vez, escreve um conto em que não se situa o cenário em alguma região específica, podendo a história dar-se em qualquer lugar, o que parece contrário à constatação do “problema de hiperidentidade” português feita por Eduardo Lourenço¹ (1979).

O que se nota nestes textos é um vazio no que diz respeito a referências identitárias, vazio este que motiva esta reflexão e se dá por abandonar-se um discurso totalizante que homogeneiza toda diferença tornando a literatura um estudo de grandes blocos nacionais e assumir-se um discurso minoritário.

No texto de Llansol não se discute a identidade portuguesa já por demais debatida, afirmada ou questionada, daí parecer o texto contrário à questão da hiperidentidade. Não se faz nenhuma referência ao passado português porque não se trata de Portugal enquanto nação já afirmada. O que se mostra é um discurso antes excluído, um discurso de minoria existente dentro das fronteiras da nação mas antes abafado pelo discurso hegemônico de Portugal, o discurso feminino.

Dessa maneira, se se quisesse classificar este texto seria necessário fazê-lo não por bloco nacional em Literatura Portuguesa, mas por grupo, no caso a categoria Literatura Feminina.

Já no conto de Cortázar vê-se uma literatura periférica (a argentina) jogando com a tradição herdada. Segundo Wander Melo Miranda, (1995) *a liberdade do escritor consiste em fazer da literatura uma estratégia de descentramento, uma dinâmica de transformações, acréscimos, inversões e apropriações do vasto território herdado da tradição*². Essa apropriação Cortázar realiza desde o plano histórico pelo aproveitamento da tradição europeia até o plano físico, territorial, pela apropriação do solo francês como cenário de seu conto.

Sobre a escolha da França como cenário para o incrível engarrafamento de Júlio Cortázar, pode-se levantar a hipótese de que se tenha dado por ser este um país extremamente regional, marcado por fortes fronteiras internas, e dessa forma ser já um mosaico constituído por pequenos grupos.

Em ambos contos a reflexão sobre identidade está não no discurso de afirmação dos grandes grupos hegemônicos, isto é, não no estabelecimento das características próprias às nações que as tornam uma unidade, mas na discussão sobre as minorias sempre existentes no território nacional mas nunca ouvidas e sempre excluídas.

1 LOURENÇO, Eduardo. Identidade e memória; o caso português. *Nós e a Europa*. Lisboa: Don Quixote, 1979.

2 MIRANDA, Wander Melo. Ficção Virtual In: *Revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte, 1995.

